

A POESIA SATÍRICA DA REVISTA *REACÇÃO*: LITERATURA, HISTÓRIA E POLÊMICA

Marcus De Martini

UFSM/USP

Janaína Kanitz

UFSM

Resumo: O presente artigo analisa poemas satíricos e anticlericais de uma revista literária maçônica de Santa Maria, Rio Grande do Sul, publicada entre os anos de 1915 a 1917, intitulada *Reacção: Órgão de Ideas Liberaes*. Para tal, utilizou-se, principalmente, o modelo interpretativo de Frye (1914). A análise permitiu constatar-se não apenas o imbricamento entre a literatura da revista e as circunstâncias históricas de seu tempo (como o ultramontanismo do período), mas também a sobrevivência de cânones da sátira. Assim, a poesia da *Reacção* é interessante não apenas como documento, mas também como artefato literário.

Palavras-chave: Periodismo literário; Revista literária; Sátira; Anticlericalismo; *Reacção*.

Abstract: This article analyzes satirical and anticlerical poems from a masonic literary magazine entitled *Reacção: Órgão de Ideas Liberaes* [Reaction: an agency of liberal ideas], and published from 1915 to 1917, in Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil. In order to develop such analysis, we used Frye's interpretative model (2014). The analysis allowed us to perceive not just the overlapping between the magazine's literature and the historical circumstances of its time (as the Ultramontanism of the period), but also the survival of satire's canons. Thus, *Reacção's* poetry is interesting not just as a document, but also as a literary artifact.

Keywords: Literary Journalism; Literary Magazine; Satire; Anticlericalism; *Reacção*.

Introdução

É um fenômeno relativamente recente o resgate de periódicos literários, ou ainda, da publicação literária em jornais tradicionais, por parte da historiografia literária brasileira. Se, por um lado, encontram-se estudos sobre algumas revistas literárias, especialmente de inícios do século XX, como aquelas ligadas ao Movimento Modernista (a exemplo da *Revista de Antropofagia*, da *Festa* e da *Klaxon*); por outro, as revistas que não são do centro do país acabam geralmente caindo no esquecimento, especialmente as do interior. No caso específico do Rio Grande do Sul, pode-se destacar o caso da *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, que circulou de 1869 a 1879, importante publicação para a vida literária gaúcha, que já foi sobejamente estudada, mas não se consegue ir muito além disso.¹

Contudo, esse aparente descaso vai de encontro ao fato de que muitos dos principais escritores brasileiros do século XIX, e mesmo do XX, iniciaram suas carreiras publicando em periódicos. Tal foi o caso de Machado de Assis, apenas para citar o mais importante deles. Apesar disso, é preciso reconhecer que a produção literária dispersa em periódicos tende a não se destacar pela qualidade, por mais que essa questão seja discutível hoje em dia.

De qualquer modo, essa literatura publicada em periódicos tende a ser interessante, pelo menos, como documento de uma época, no que, é verdade, não difere das “grandes obras”. Não raro, encontramos ali lampejos das circunstâncias históricas em que essas obras foram escritas². Isso é particularmente verdade para a sátira, seja ela

¹ Entre os principais estudos sobre imprensa e revistas literárias, especialmente as gaúchas, pode-se citar: Vaz, Arthur Emílio; Baumgarten, Carlos Alexandre; Cury, Maria Zilda. *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005. Sobre periódicos anticlericais, ver: Montero, Vanessa Cristina. *A Querela anticlerical no palco e na imprensa: “Os Lazaristas”*. Campinas, SP: 2006, e Polleto, Caroline. *tão perto ou tão lejos? Caricaturas e contos na imprensa libertária e anticlerical de Porto Alegre e de Buenos Aires (1897-1916)*. São Leopoldo: UNISINOS, 2011. Sobre o *Parthenon Literário* e a literatura da época no Rio Grande do Sul, ver: ZILBERMAN, Regina. *A literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

² As relações entre Literatura e História têm sido objeto de muitos estudos desde, principalmente, o último quartel do século XX. Podem-se citar os estudos de Roger Chartier como *A história cultural: entre práticas e representações* (Lisboa: Difel, 1990); *Cultura escrita, literatura e história* (Porto Alegre: Artmed, 2001); *A história ou a leitura do tempo* (Belo Horizonte: Autêntica, 2009), dentre outros. Sobre o conflito entre estética e interesse histórico, vale lembrar Pesavento (2003, p. 40-1): “[...] esta utilização da Literatura pela História como fonte implica uma certa relatividade do estético, pois o texto literário de que se vale o historiador pode passar ao largo dos critérios ou cânones consagrados pela crítica. Assim, a literatura medíocre, de pouco valor, vulgar, mas de consumo em uma determinada época, pode dizer muito sobre o gosto, as preferências, as sensibilidades dos homens em um certo momento. Versos de pé quebrado, folhetins muito distantes do que seja a alta literatura ou romances populares revelam um

veiculada em poemas ou textos ficcionais em prosa, uma vez que costuma partir de pessoas e/ou eventos reais, conhecidos do público leitor, os quais aparecem ali caricaturizados. É precisamente o que ocorre com a revista *Reacção: Órgão de Ideias Liberaes*, publicada entre 1915 e 1917, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, um periódico de caráter satírico, polêmico e anticlerical.

A revista já foi objeto de estudos anteriores, mas dentro da área da História³, tendo em vista sua relação com o ultramontanismo da época, como veremos a seguir. No entanto, não há, até o momento, outros estudos que abordem o caráter propriamente literário da publicação.⁴ Assim, o presente artigo buscará apresentar a revista *Reacção*, enfocando, inicialmente, seu contexto de origem e principais características, para, em segundo lugar, analisar alguns dos poemas satíricos que dela fizeram parte, a fim de refletir justamente sobre as relações entre literatura e história.

1 Sobre a Revista

A *Reacção* foi publicada de 1º de maio de 1915 a 16 de fevereiro de 1917, de quando data o último número de que se tem notícia. Tratava-se de uma revista publicada quinzenalmente, composta por 10 ou 12 páginas (até o número 19, Anno I, compreende 12 páginas, e as revistas publicadas depois têm 10 páginas), em que se apresentavam textos humorísticos/satíricos, em prosa e em verso, e outros com assuntos mais sérios, como artigos a respeito da Primeira Guerra Mundial ou da Inquisição.

horizonte de expectativas pertinente, por exemplo, ao imaginário das camadas populares de um momento dado da história. Isto não quer dizer, em absoluto, que a escrita da História não tenha, entre as suas preocupações, a estética, mas sim que, quando usa a Literatura como fonte, o nível desta fonte, enquanto escrita, pode ser baixo sem que isto invalide o seu caráter de marca ou registro de historicidade”.

³ Para mais detalhes acerca de trabalhos que trataram da *Reacção* a partir de um viés histórico, ver: (1) Grigio, Ênio. *“No alvoroço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que os prendesse, nem chibata que os prendesse, nem chibata que intimidasse”*: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). 2016. 320 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil, 2016. (2) Biasoli, Vitor. *O Catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870-1920)*. Santa Maria: Editora UFSM, 2010. (3) Silva, Jaisson Oliveira da. *O “ovo de colombo” de João Belém*: aspectos da trajetória e obra do primeiro a escrever a história de Santa Maria. *Sociais & Humanas*, Santa Maria, RS, v. 21, n. 2, p. 131-149, 2008. (4) Borin, Marta Rosa. *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da república. São Leopoldo, 2010*.

⁴ Vale destacar que o presente artigo parte de dados levantados pela dissertação de mestrado defendida por Janaina Kanitz (*Reacção: Sátira e Anticlericalismo em uma Revista Literária Gaúcha do Início do Século XX*. Santa Maria: UFSM, 2020).

A revista conta com 29 números preservados, a maior parte deles encontrados na Casa de Memória Edmundo Cardoso de Santa Maria⁵; outros fazem parte também do acervo da Biblioteca Rio-Grandense⁶, em Rio Grande. São eles: Anno I, nº 1 a Anno I, nº 8, Anno I, nº 10 a Anno I, nº 13, Anno I, nº 15 a Anno I, nº 24, encerrando o primeiro ano de publicações, das quais faltam os números 9 e 14; já no segundo ano, que iniciou em 16 de outubro de 1916, há menos revistas preservadas: Anno II, nº 1 a Anno II, nº 5, Anno II, nº 7 e, ainda, a revista de Anno II, nº 9, faltando os números 6 e 8.

Escrita por um grupo de maçons então ligados à Loja “Luz e Trabalho” -- João Belém, Demétrio Niederauer, Walter Jobim, Angelo Caldonazzi e João Bonumá⁷ --, a *Reacção* apresenta na capa de todos os seus números a expressão “Tolle lege”, que, em latim, significa “Toma e lê”, célebre frase constante das *Confissões* de Santo Agostinho. Ao analisar a revista e seu objetivo, pode-se relacionar a expressão com a necessidade de se discutir determinados temas, necessidade essa defendida pela própria revista, que tinha a finalidade de conscientizar seus leitores ou “abrir seus olhos”, expressão recorrente utilizada nos seus textos.

⁵ Números encontrados na Casa de Memória Edmundo Cardoso: Anno I (nº. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24) e Anno II (nº. 1, 2, 3, 4, 5, 9).

⁶ Números encontrados na Biblioteca Rio-Grandense: Anno I (17, 19, 20, 21, 22, 23, 24) e Anno II (1, 2, 3, 4, 5, 7).

⁷ Biografia dos redatores: *João da Silva Belém* nasceu em Porto Alegre, em 1874, e faleceu em Santa Maria, em 1935. João Belém foi educador, escritor, jornalista e historiador. Fundou e dirigiu diversos jornais em Porto Alegre e Santa Maria, entre eles *O Viajante*, *O Estado*, *14 de Julho* e a revista objeto desta pesquisa, *Reacção*. Em 1891, reuniu seus versos no livro *Aerólitos*; em 1916, publicou *Páginas Perdidas* e, em 1918, *Musa Ferina*. Alguns dos poemas já haviam sido publicados na revista *Reacção* antes mesmo da publicação dos livros. Como historiador, escreveu *História do Município de Santa Maria*, em 1933.

Demétrio Niederauer nasceu em Santa Maria, em 1890, falecendo em Caxias do Sul, em 1970. Conforme Berghosa e Luchese (2010), Demétrio foi advogado, professor, poeta, jornalista e político. Assim como João Belém, também redigiu alguns jornais: *14 de Julho*, *Reacção* e *O Brasil*.

Walter Jobim nasceu e morreu em Porto Alegre (1892-1974). Foi advogado e político, também juiz e promotor público em Santa Maria. Participou da Revolução de 1923, ao lado da Aliança Libertadora, e também da Revolução de 1930, junto a Getúlio Vargas. Após a ditadura Vargas, nas primeiras eleições, foi eleito governador em 1947, derrotando Alberto Pasqualini. Também foi embaixador do Brasil no Uruguai (1951-1955).

Angelo Caldonazzi (? - ?) diretor-gerente da *Reacção*. Advogado em Santa Maria.

João Bonumá nasceu em Uruguiana (1890-1953), residiu no Rio de Janeiro e em Santa Maria, vindo a morrer em sua fazenda, em Júlio de Castilhos. Segundo Grigio (2003), foi advogado e professor em Santa Maria. Publicou o livro *Menores Abandonados e Criminosos*, em 1913, devido ao seu trabalho na polícia do Rio de Janeiro, enquanto cursava Direito. Atuou em Santa Maria como juiz de órfãos e como promotor público em 1914, mesmo período em que redigia a *Reacção*, e foi subchefe da polícia de 1925 a 1928.

Os temas expostos são variados, mas, em sua maior parte, tratam de críticas ao clero. O anticlericalismo⁸ ficava claro a cada publicação da revista, que apresentava temáticas relacionadas ao dogma católico, às atitudes de membros do clero, às festas religiosas, ao que era pregado pelos sacerdotes, à confissão auricular, ao celibato, à adoração de imagens, à riqueza, aos pecados cometidos e, ainda, eram questionados os valores defendidos pelos religiosos santa-marienses. Dessa maneira, a epígrafe da revista não deixa de ser irônica e provocadora. Esse espírito combativo da publicação é ressaltado desde o primeiro número:

Lançamos hoje ao torvelinho rumorejante da opinião publica o primeiro numero do nosso periódico de reacção e combate. A nossa “Reacção” procurará sempre, baseada nos ensinamentos positivos da sciencia, desfazer os erros e os preconceitos que nos regem, a que os falsos apóstolos exploram em seu proveito. Uma das nossas armas de luta será essa da razão e da verdade, contra a ignorância e contra as trevas. [...] A nossa reacção anti-clerical e liberal é a luta da verdade e da luz contra obscurantismo pregado e mantido cuidadosamente pelo jesuitismo avassalante; é um largo movimento de patriotismo contra a seita repudiada e parasitaria, que, como um polvo, estende sobre o nosso meio os seus mil tentáculos negros e viscosos; [...] A nossa reacção é um grito vibrante de protesto contra esses indivíduos vestidos de negro, e que se dizendo representantes de Deus e pregadores da doutrina de Cristo, ministros espirituais e pastores de alma, exercem o mais vil e repulsivo dos mercantilismos e dos comércios; que falam em pobreza e possuem dezenas de milhares de conventos, de templos, de palácios, e um número infinito de milhões; que pregam o reino do céu e exploram o dinheiro dos homens, desde a fortuna dos ricos até as esmolas dos pobres e dos mendigos; que vendem a benção e o perdão ao Papa, para os pecados passados e para os pecados futuros, pelo único critério da maior ou menor soma de dinheiro que entrega o pretendente; que exploram e profanam o corpo de Christo, expondo-o nú, lívido e sangrento, em grosseiras imagens de louça, entre duas salvas, ao tilintar de nickeis, na Semana Santa; que pregam a castidade e vivem na mais clandestina e abjeta das mancebias, fazendo da casa dos padres e de bispados, focos de devassidão e de escandalos indecorosos. Seremos o alarme lançado aos paes e aos maridos iludidos na sua condescendência, em cujos lares o clericalismo esgueira-se silencioso [...]. Representamos uma aspiração elevada de justiça e de verdade contra a obra nefasta do bando negro portador de trevas, que nos infelicita [...] (1915, *Reacção*, Anno I, n.1, p.1).⁹

Esse órgão de reação, ou seja, contrário ao catolicismo, um órgão de ideias liberais e, também, um órgão maçônico, objetivava mostrar à sociedade santa-mariense, de forma crítica e cômica, o quanto o clero os estava enganando com falsos discursos de bondade, e que, na verdade, escondiam desejos sombrios de avareza, falsidade, dentre

⁸ “O anticlericalismo oitocentista, longe de se reduzir a uma mera ideologia negativa, opositora aos valores cristãos, e, particularmente, foi uma matriz de movimentos, de ideias políticas que se manifestaram fortemente na organização de grupos, nas manifestações culturais, na literatura e na imprensa. [...] o fenômeno anticlerical desse período deve ser entendido como um vasto campo de ideias, em certos casos conflitivas, manifestas em escritos de natureza científica, ficcional e jornalística, numa dinâmica viva frente às mentalidades e sensibilidades do período histórico em questão”. (Santos, 2014: 27)

⁹ Optou-se por manter a ortografia original dos textos, bem como a pontuação.

outros. Essa busca de “reação e combate” se dá através das sátiras e de discussões que questionam a moral de padres e outros sujeitos relacionados ao clero. Dessa forma, haverá na revista a seguinte oposição: de um lado, o clero, caracterizado como o vilão, devasso e injusto, que cega seus seguidores (fiéis) e usa de sua ingenuidade e de sua ignorância. Do outro lado, os redatores da revista, maçons, que, como o próprio texto destaca, têm uma aspiração elevada de justiça e verdade, com comprometimento com a ciência e com a destruição de preconceitos.



Figura 1 - Fac-símile da capa do 1º número da revista *Reacção* (Fonte: Kanitz, 2020)

A revista surge principalmente motivada por um fato ocorrido na cidade de Santa Maria e que é citado na revista *Reacção* como o “Caso da Igreja do Rosário”. O padre Caetano Pagliuca, quando assume o vigariato em Santa Maria, deseja reforçar o domínio católico na região; desse modo, passa a disputar a Igreja do Rosário, que era uma comunidade religiosa independente, explica Biasoli (2011). O padre decide reivindicar esse lugar, levando o caso à justiça e vencendo o processo. A sentença gera revolta, principalmente em grupos como os maçons, que prezavam pela liberdade religiosa e já tinham um histórico de rivalidade com os católicos. Alguns dos redatores da revista, que eram advogados e maçons, auxiliaram no processo judicial em defesa da Irmandade do Rosário. A derrota no processo impulsionou o desejo de protestar, bem como a criação

da revista satírica e anticlerical *Reação*. Assim, o Padre Caetano Pagliuca se torna a principal figura satirizada pela revista.

Não obstante o caso da Igreja do Rosário, vale notar que os conflitos entre Igreja e Maçonaria ainda eram comuns no Brasil, na época, apesar de remontarem ao século XIX, especialmente à publicação, pelo Papa Pio IX, da encíclica *Quanta Cura* e, em especial, do *Syllabus*, em 1864. Este último era um compêndio anexado à encíclica e que ficou conhecido como “catálogo dos erros modernos”. No documento, o Papa criticava correntes de pensamento modernas, como o liberalismo, e, por extensão a Maçonaria, que empunhava bandeiras liberais, especialmente no tocante à defesa da separação entre Igreja e Estado, do ensino laico e da liberdade religiosa. Mais ainda, no primeiro Concílio Vaticano (1869-1870), ficou estabelecida a tese da infalibilidade papal. Assim, iniciou-se, no Brasil, uma queda de braço entre católicos “ultramontanos”¹⁰ e liberais progressistas, não raro, maçons¹¹. Essa tensão eclodiria na chamada “Questão Religiosa”¹², entre 1872 e 1875, mas certamente não terminaria ali.

No entanto, em Santa Maria, esse conflito parece se acirrar um pouco depois. Segundo Biasoli (2011), o bispo D. Cláudio Ponce de Leão, responsável pela diocese do Rio Grande do Sul entre os anos de 1890 a 1912, é quem passa a adotar uma postura ultramontana, acelerando um processo de transformação da Igreja e da religião em Santa Maria. Seu objetivo era recuperar a influência católica, tendo como base o dogma da infalibilidade papal e a submissão dos leigos às autoridades religiosas. A chegada do Padre Caetano Pagliuca buscava assim diminuir o indiferentismo religioso presente na região e combater os inimigos da Igreja: luteranos e maçons. Para isso, o padre passa a atuar em diferentes locais, a fim de alcançar o maior número de pessoas possível,

¹⁰ “Termo utilizado desde o século XI, referindo-se aos cristãos que buscavam a liderança de Roma (do outro lado da montanha). É relativo também à defesa do ponto de vista dos papas, aos que davam apoio à política papal, frequentemente em oposição aos partidários do imperador. O tipo de pensamento que no século XIX é conhecido como ultramontanismo refere-se aos conceitos e atitudes conservadores da Igreja, geralmente opondo-se às correntes liberais que emergiram a partir da Revolução Francesa. Nesse sentido, ser ultramontano é ser ortodoxo, é pautar-se nos ditames doutrinários propugnados pelas bulas romanas, independentemente das correntes de pensamento locais.” (Ciarallo, 2010: 8, nota 9).

¹¹ Ibid.: 11 e segs.

¹² O conflito havia sido gestado em março de 1872, mas se desencadearia de fato em 1873, como um conflito de autoridade entre a Igreja e o Império, tendo como pano de fundo a suspensão de membros maçons de irmandades e ordens terceiras e, na esteira, das que desobedecessem às ordens expedidas pelos bispos de Olinda e do Pará, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira e D. Macedo Costa, respectivamente. As irmandades recorreram, no entanto, ao imperador, e os religiosos acabaram, por pressão dos liberais, condenados a quatro anos de trabalhos forçados e presos, em 1874. A prisão dos bispos acabou gerando grande comoção popular, e ambos foram anistiados em 1875 (Cf. Ciarallo, Op. cit.: 16-7).

promovendo organizações de estudo religioso, a construção de nova igreja matriz, a criação de escolas católicas, dentre outras iniciativas. Como se pode perceber, o “Caso da Igreja do Rosário” é decorrência dessa mudança de postura da Igreja.

As farpas trocadas entre liberais, frequentemente maçons, e religiosos, muitos deles ligados ao espírito ultramontano da Igreja da época, davam-se sobretudo na imprensa. Havia periódicos tanto de um lado, quanto de outro, cada qual propagandeando a própria ideologia e detratando a de seus opositores. Os periódicos anticlericais, satíricos, críticos popularizam-se e, para alguns escritores, como Olavo Bilac e Medeiros e Albuquerque, tornaram-se sua principal fonte de renda, explica Isabel Bilhão (2016). A título de exemplo, Francisco das Neves Alves (2005) elenca alguns desses periódicos que eram especificamente da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul: *A Grinalda* (1870-1871), *Violeta* (1878-1879), *Arauto das Letras* (1882-1889), *A Lanterna* (1893-1894), *O Correio Literário* (1900), dentre outros. Ao observar o grande número de publicações para apenas uma cidade do interior, entende-se que o contexto em que a revista *Reacção* se insere é de grande circulação de revistas literárias. Bilhão (2016) faz uma análise de três periódicos: *A Luta*, de Porto Alegre, *A Voz do Trabalhador*, do Rio de Janeiro, e *A Lanterna*, de São Paulo. Em seu texto, a autora destaca a existência de uma rede de correspondência que mantinha a discussão dos mesmos assuntos pelo mundo, o que talvez explique o fato de haver, na *Reacção*, textos que abordavam a Primeira Guerra Mundial ou mudanças na educação, por exemplo, e não somente assuntos de interesse meramente local.

2 Os poemas da *Reacção*

A sátira foi um recurso utilizado pela *Reacção*, que conta, nos exemplares disponíveis para análise, com um total de 96 poemas satíricos, sem se considerar os outros gêneros que também têm por característica esse elemento, muitos deles assinados por pseudônimos, como “Diabolic”, “Belzebuth” e “Zelador do Cemitério”, característica comum nesse tipo de publicação.

A sátira remonta à Antiguidade e foge ao escopo deste artigo discuti-la em toda a sua amplitude. É verdade que, apesar de a Modernidade literária ter redefinido o

campo literário, a poesia satírica, em especial, parece não ter mudado tanto, em suas características básicas, do chamado “Classicismo”¹³ até o tempo da Revista *Reacção*, pois não apenas seus redatores fazem referência a poetas satíricos anteriores ao Romantismo, como Bocage (várias vezes citado em suas páginas), mas também se valem de gêneros satíricos poéticos então praticamente desaparecidos, como o epitáfio satírico, este outrora muito popular no século XVII, por exemplo¹⁴.

Para dar conta desse universo literário tão vasto, talvez seja válido seguir o modelo interpretativo que nos propôs o crítico canadense Northrop Frye, em sua *Anatomia da Crítica*. Inicialmente, Frye estabelece, em sua obra, a teoria dos modos, que dizem respeito à representação da personagem de uma narrativa em relação ao comum dos homens, na esteira do que Aristóteles havia preconizado em sua *Poética* (“melhores, iguais ou inferiores a nós”)¹⁵. Assim como o estagirita¹⁶, Frye posiciona a comédia como representação dos “homens piores que nós”, no que ele chama de “modo irônico”: “Caso inferior em força ou inteligência a nós mesmos, de modo que tenhamos a impressão de olhar de cima para baixo, para uma cena de sujeição, frustração ou absurdo, o herói pertence ao modo *irônico*”.

No entanto, como se depreende da proposta de Frye, ao passo que o tema do cômico seria ordinariamente a incorporação do personagem central da obra à sociedade, como ocorre na tradição da comédia de costumes; na sátira, ao contrário, há a expulsão

¹³ Permanece como fonte obrigatória para o estudo da sátira no Brasil a obra de João Adolfo Hansen (*A Sátira e o Engenho*). Ali, Hansen questiona conceitos historiográficos, como os de “Classicismo” e “Barroco”, por exemplo, no que o seguimos. Mais do que isso, Hansen faz um levantamento detalhado do funcionamento da sátira na Bahia, no século XVII, especialmente quanto à sua dimensão retórico-poético-teológica. Acreditamos, contudo, que, apesar de sua especificidade, as conclusões de Hansen são válidas para se pensar, em alguns casos, também a sátira posterior.

¹⁴ Sobre o assunto, ver Moreira, Marcello; Pinto, Luzia Silva. “Epitáfio satírico de D. Francisco de Quevedo e a escritura como *Damnatio Memoriae*. *Letras*, Santa Maria, n. 1, p. 49-58, 2019. Número especial.

¹⁵ “Mas como os imitadores imitam homens que praticam alguma ação, e estes, necessariamente, são indivíduos de elevada ou de baixa índole [...], necessariamente também sucederá que os poetas imitam homens melhores, piores ou iguais a nós. [...] Pois a mesma diferença separa a tragédia da comédia: procura esta imitar os homens piores, e aquela, melhores do eles ordinariamente são.” (*Poética*, II, 1448a 7).

¹⁶ Cf. nos apresenta Destrée (2010): “comédia é, como dissemos, uma imitação [representação] de pessoas inferiores – não, no entanto, em relação a todo tipo de defeito: o risível (*to geloion*) é uma forma do vergonhoso (*to aischron*). Pois o risível é um certo erro (*hamartêma*) ou sinal de vergonha (*aischos*) que não envolve dor ou morte, como é imediatamente evidente no caso da máscara da comédia: ela é feia (*aischron*) e distorcida, mas não envolve dor (1449a 32-37)”.

dessa personagem. Esta é uma espécie de “alazon”¹⁷, de falsário, que deve ser expulso da sociedade para que ela reencontre sua harmonia. Assim, como ensina Hansen (2004), a sátira castiga poeticamente esse vilão, para que a sociedade escarneça dele e não sinta pena de sua punição, uma vez que lhe será salutar. O desmascaramento do “alazon” é uma espécie de açoitamento em público, em que a violência física é substituída pelo riso provocado pela ofensa¹⁸.

Na literatura anticlerical, esse “alazon” tende a ser um padre, indo desde a invectiva, no caso, da ofensa pessoal a um religioso em particular, até o escárnio aos religiosos em geral, quando a personagem funciona como hipotipose. Muitas vezes, há uma sobreposição dessas duas funções, com algumas nuances, conforme veremos adiante.

Frye acrescenta ainda uma outra camada de sentido com sua “teoria dos mitos”, entendendo mito como essa estrutura narrativa maior, em que vários gêneros podem coexistir. Assim, a ironia e a sátira comporiam o “mito do inverno”, o qual aborda as ambiguidades e complexidades da existência não idealizada (2014: 368-9). A diferença entre elas é que a sátira seria uma “ironia militante”, já que suas normas morais são claras, o que nem sempre ocorre com a ironia (Ibid.: 369). Nesse sentido, a voz poética, na *Reacção*, como ficou claro no manifesto lançado no primeiro volume da revista, é, basicamente, sempre a mesma, ou melhor, fala sempre da mesma posição, inobstante o redator. Assim, há um *ethos* satírico na revista, isto é, essa voz é um brado de justiça e conhecimento lançado contra o obscurantismo, ignorância, pecado e hipocrisia católicos, manifestados esses, por sua vez, por seus instrumentos locais, o clero da cidade, mais especificamente Padre Pagliuca, mas não somente ele.

Assim, na Revista *Reacção*, há ataques tanto diretos, quanto indiretos, ao inimigo maior dos redatores, o Padre Caetano, mas também a outros sacerdotes e aos padres em geral. Quanto à forma, entramos naquilo que Frye chama de sua “teoria dos gêneros”. Na revista, a sátira se apresenta em prosa e em verso. No caso do verso, que é o que nos interessa aqui, ela vem em diversos gêneros poéticos, mormente em quadras, epitáfios satíricos e sonetos, que remontam, como já dito, à poesia satírica “clássica”, mas também

¹⁷ “Alazon”: Uma personagem de ficção que engana a alguém ou a si mesma, sendo, geralmente, na comédia ou na sátira, alvo de ridicularização, enquanto que, na tragédia, é o herói. Na comédia, ela frequentemente assume a forma de um *miles gloriosus* ou de um pedante.” (Frye, 2014: 521).

¹⁸ Para Aristóteles, a relação entre a comédia e a invectiva, ou poesia jâmbica - no caso, o que entenderíamos como sátira -, é construída de outra forma. Nesse sentido, ver Destrée (2010).

dialogam com a poesia de seu tempo (caso do poema “Arremedando”, por exemplo, que abordaremos mais adiante). No entanto, o radical de apresentação dessa poesia, para permanecer na teoria de Frye, não faz referência à situação lírica mais comum (uma relação “eu-tu”, em que apenas o “eu” se manifesta, numa espécie de monólogo), mas à do *epos*, ou seja, há uma voz que fala de frente para o leitor, expondo uma determinada situação, apresentando uma personagem e/ou descrevendo uma cena, ou narrando uma anedota, não raro como uma fofoca maledicente. Assim, temos com frequência pequenas narrativas satíricas. Os padres satirizados são sempre “ele(s)”, nunca um “tu”. Não há um diálogo em nenhum momento. Os poetas como que viram às costas para a Igreja não somente de fato, mas também poeticamente. Apontam o dedo para a vergonha desses religiosos, que veem ao longe, e detratam-nos para o povo, para que os leitores “abram os olhos” e enxerguem “a verdade”. Vejamos alguns exemplos:

*Esboçando negro sorriso,
dizia em sermão o Pagliuca:
- Duvido que alguém escape
a minha traiçoeira urupuca.*

(*Reacção*, Anno I, n.12)

Nessa quadra, de metro irregular, o poeta anônimo representa o Padre Caetano à semelhança de um vilão folhetinesco, que revela seus planos maquiavélicos ao público. O “negro sorriso” (v. 1) remete ao engano: o sorriso, que deveria representar algo positivo e bondoso, é, porém, “negro”, isto é, mendaz. A cor também remete às vestes pretas de sacerdote e forma um duplo para seu sorriso: o negro de suas vestes, em vez de simbolizar sua “morte para o mundo”, oculta justamente a mundanidade de suas intenções e da instituição que o acolhe. Portanto, a aparência bondosa do religioso esconde, na verdade, intenções secretas da Igreja: os fiéis são apenas um instrumento para um fim outro que não lhes aproveita.



Padre Caetano Pagliuca

Figura 2 – Retrato do Padre Caetano (Fonte: Grigio, 2016: 249)

Assim, a temática da hipocrisia será recorrente na *Reacção*, o que não é, de fato, algo inédito na literatura anticlerical. Na revista, o tema é explorado com certa recorrência por meio de epitáfios satíricos, como se vê a seguir.

P. C. P.

*Aqui jaz inanimado
Nesta cova rasa e fria
Quem foi em vida chamado:
– Vigário da hypocrisia. –*

(*Reacção*, Anno I, n. 21)

As letras do título claramente remetem ao Padre Caetano Pagliuca, cujo epitáfio seria o de “Vigário da hypocrisia”. Uma das características essenciais que diferencia o epitáfio satírico do não satírico é o estado da pessoa de quem falam, ou seja, o epitáfio normal é utilizado para homenagear e representar alguém que já faleceu, valorizando algo de bom; já o epitáfio satírico trata de alguém que ainda está vivo, zombando de alguma deformidade ou de algum defeito seu (Cf. Moisés, 2004). É evidente que o fato de se fazer o epitáfio de alguém que ainda vive é cômico. No entanto, como o epitáfio seria uma espécie de suma da vida do falecido, o epitáfio satírico transforma o defeito retratado como a suma da vida do satirizado: é aquilo que define sua passagem pela Terra. Sendo um padre hipócrita, seria difícil crer que obtivesse ele mesmo a salvação que protesta alcançar aos seus fiéis. Por fim, é inegável que o epitáfio satírico como que sub-repticiamente manifesta o desejo da voz satírica de que a personagem satirizada estivesse morta. Como sua morte não é real, o patético – típico do modo trágico – é

escamoteado pelo riso que o poema suscita e pelo fato de que sua morte, caso acontecesse, seria um bem para toda a sociedade, desejo do qual não se deveria, por conseguinte, ter vergonha.

A revista apresenta quinze epitáfios escritos em quadras e dois com uma extensão maior. O grupo de epitáfios satíricos apresenta poemas com um tom muito semelhante entre si, bastante cômicos e com algo inesperado ao final. As pessoas de quem tratam também são diversas, assim como os motivos de suas mortes. Também há variedade na autoria e nos pseudônimos. Uma parte bastante significativa dos epitáfios é assinada pelo pseudônimo “Zelador do Cemitério” – o que se adapta bem às circunstâncias do gênero –, enquanto outros não têm assinatura.

O Epitaphio D’ELLE
P.C.

Comedor; comeu em vida
Pratas, tostões e vintém.
Morreu, e ao ser enterrado
Comeu os vermes também.

Zelador do Cemitério
(*Reacção*, Anno I, n.1)

Como ocorre com o anterior, este epitáfio (e muitos dos demais poemas satíricos da revista) recorrem à redondilha maior, verso tradicional da poesia popular e também da sátira. A leveza do verso propicia a comunicação imediata e o riso¹⁹. O “Epitaphio D’ELLE” propõe uma personagem com as iniciais P.C., que, muito provavelmente, signifiquem “Padre Caetano”, caracterizada pela ganância. Não raro, aponta-se, em vários dos textos da revista (satíricos ou não) o dinheiro como o verdadeiro motor por detrás dos interesses não só de Pagliuca, mas da Igreja em geral, como se vê também na quadra a seguir:

¹⁹ Conforme explica Frye (2014: 459-60): “Conforme passamos às convenções da sátira, tanto nas formas líricas de Hardy e Housman, ou na forma de *epos* de Dryden e Pope, as características do epigrama e do provérbio persistem. Tais poetas produzem brilhantismo e clareza em vez de mistério ou magia, e sua técnica está preocupada com a concentração de sentido. Duas coisas são essenciais para isso: uma é a estrutura métrica bem ajustada de palavras colocando-se em uma rígida ordem delineada; a outra é uma declaração inequívoca acerca de quais padrões sonoros podemos esperar, como o fechamento em anel de um dístico rimado. Padrões sonoros adicionais ou inesperados, tais como a aliteração ou a assonância dentro do verso, são mantidas a um mínimo, e a poesia segue o preceito de Wordsworth de que é, exceto pelo metro, muito semelhante à prosa não retórica em sua dicção. As formas do *epos* e da prosa dessa fase, como a epístola e a sátira formal, estão naturalmente muito próximas uma da outra.”

COMO ELLE É!...

*Bom negócio tu fizeste,
Meu bregeiro, maganão!
Recebendo em triplicata
A importância...do sermão!*

(*Reacção*, Anno I, n. 6)

A quadra é clara: a Igreja é apenas um negócio para “ele”. Mais uma vez, “Elle” refere-se muito provavelmente ao padre Caetano. Na mesma esteira, quando, na revista, usa-se o termo “Elles”, a referência são os católicos, ou defensores do Padre Caetano, pelo menos, justamente ressaltando a ideia de polos antagônicos: “nós” (redatores da revista, maçons, liberais) *versus* eles (católicos). Assim, esses católicos são também acusados de serem hipócritas, por não seguirem a doutrina de Cristo. Portanto, mais que vítimas, esses fiéis são partícipes de uma grande mentira. Vai nesse sentido o soneto abaixo:

Arremedando

*Se as mentiras vãs do jesuitismo
“E os vários males dessa mesma classe”,
Se tudo quanto cheira a tartufismo
Na cara dos beatos se estampasse;*

*Si se pudesse o falso mysticismo
“Ver através da máscara da fase”,
Quanta gente filiada ao “pagliuquismo”
Nas igrejas então jamais entrasse...*

*Quanta gente nós vemos bem...decente
Cuja santa apparencia beatamente
Negra alma de demonio traz no fundo!*

*Quanta gente que resa não existe
Cuja virtude única consiste
No enganar a Deus e a todo o mundo!*

(*Reacção*, Anno I, n. 10)

O título do soneto - “Arremedando” - faz uma referência ao fato de o poema ser uma paródia de “Mal Secreto”, famoso soneto do poeta brasileiro Raimundo Correia. As rimas cruzadas dos versos ímpares dos quartetos como que resumem o pensamento do autor acerca do Padre Caetano: o “pagliuquismo” nada mais é que um “falso

mysticismo”, um “tartufismo”, puro “jesuitismo”. Os devotos de Padre Pagliucca, assim como ele, não deveriam jamais entrar em uma Igreja, pois escondem um lado demoníaco por detrás de sua aparente beatitude. E quais atos reprováveis então eles poderiam estar ocultando?

Geralmente, os padres são acusados de cometerem pecados capitais. Um dos pecados atribuídos a religiosos mais citados através dos tempos, com farta ocorrência já na Idade Média, e que reaparece na *Reacção*, é o da gula:

*Que comilão que tu és;
Tens uma barriga tão grande
Que vai da cabeça aos pés.
Oh! santarrão padre Pedro,*

(*Reacção*, Anno I, n. 12)

Como afirma Frye (2014: 369): “[d]uas coisas, então, são essenciais para a sátira; uma é o engenho ou humor fundado na fantasia ou uma percepção do grotesco ou absurdo, a outra é um objeto de ataque”. De fato, as duas estão claramente demarcadas nesses quatro versos: Ali se tem uma caricatura de Padre Pedro²⁰: seu retrato não é realista, mas “fantástico”; isto é, a persona satírica do poema se vale de uma hipérbole para criar um quadro da personagem que, se não é realista por sua representação, dá conta, mesmo assim, de algo que se faz verossímil: é o tamanho da gula de Padre Pedro que é retratada mais do que ele mesmo.

Platão, em seu diálogo *O Banquete*, explicava que o belo necessitava de harmonia e equilíbrio, desse modo, todos aqueles que tinham uma aparência harmoniosa, eram belos e tinham em sua essência, o bem. Por outro lado, aqueles que eram feios por ter algum defeito físico, também o tinham em seu caráter. A sátira usou disso desde a Antiguidade, apontando os defeitos físicos de seus satirizados, para simbolizar a sua maldade ou falta de bondade (Platão, 1972). Como o feio representava tradicionalmente o mal, as figuras satirizadas sempre terão algum defeito físico associado a algum defeito moral. Assim, o padre Pedro, citado no poema anterior, é

²⁰ Nome de um dos apóstolos de Cristo, que, segundo a história eclesiástica, tornar-se-ia o primeiro papa. Contudo, é interessante notar que, em Santa Maria, existiu um padre chamado Pedro Wimmer, responsável pela diocese até a chegada do padre Caetano Pagliuca (cfe. Biasoli, 2011)

gordo e comilão, e a construção textual apresentada é cômica por esse motivo: o tamanho de sua barriga equivale à voracidade de sua gula.

Outro pecado recorrente na literatura anticlerical é o da luxúria. Quanto a esse tema, há duas quadras que citam Miguel de Lima Valverde (1872 – 1951), primeiro bispo de Santa Maria²¹, e fazem-se críticas a respeito de relações sexuais que ele supostamente mantinha com algumas fiéis:

*Miguel de Lima Valverde
E' um bispo de muita fama,
Muita gentinha direita
Disputa fazer-lhe a cama.*

(*Reacção*, Anno I, n. 3)

*Miguel de Lima Valverde,
Quão felizardo tu és!
Quantas moçoilas catitas
Vão ajoelhar a teus pés.*

(*Reacção*, Anno I, n.12)

Em ambas as quadras, na mesma linha do soneto “Arremedando”, há um retorno da temática da hipocrisia, tanto de padres (no caso, do bispo Miguel de Lima Valverde), quando de fiéis (a “gentinha direita”, v. 3 da primeira quadra; as “moçoilas catitas”, v. 3 da segunda). Enfatizando as beatas, as quadras são irônicas ao sugerir – sem muita sutileza – o interesse que elas teriam em atender o padre sedutor. Apesar de a conotação dos versos “Disputa fazer-lhe a cama” (v.4 do primeiro poema) e “Vão ajoelhar a teus pés” (quarto verso do segundo) ser clara o suficiente, há certa ambiguidade que aproxima, neste caso, os poemas da ironia.

Como que unindo os pecados da luxúria e da ambição, tem-se o seguinte poema:

Labaredas

No Rio de Janeiro, um frade do convento
de S. Bento fugiu com uma viúva,
levando 93 contos do convento...
Teleg. do <<Diario do Interior>>

²¹ Empossado em 1912, permaneceu em Santa Maria por dez anos. Em 1922, tornou-se arcebispo de Olinda e Recife. Fonte: http://www.diocesasantamaria.org.br/content/knowledgebase/kb_view.asp?kbid=120. Acesso: 14/06/2021.

*Era, com certeza, moço
O tal frade seductor,
E um frade é de carne e osso
Como eu, como o leitor.*

*Ella, a fraca, a pobresinha
Também é de carne e osso...
Além disto... Viúvinha
É uma fructa sem caroço!...*

*Assim sendo, a nove pontos
O mariola se escapa,
Levando quase cem contos
E uma viúva de inhapa.*

Diabolic

(Reacção, Anno I - nº4)

“Labaredas” inicia com um telegrama que teria sido publicado no jornal “Diário do Interior”. A situação, em si, já é bastante incomum, em que um padre foge com uma viúva. Sendo colocada em poema, nessa sátira, torna-se ainda mais cômica. A persona satírica inicia afirmando “com certeza” que o frade era moço e sedutor. É interessante a caracterização que é feita: o frade era de “carne e osso”, portanto, possuía aspectos terrenos e não estava imune aos desejos e sentimentos, como qualquer outra pessoa. A simpatia irônica que a voz do poema tem para com o frade malandro, em comparação com o tom condenatório que encontramos nos poemas anteriores, certamente se deve ao fato de que o frade furtou o dinheiro do convento, e não de outro lugar. Por isso, é inocente, pois vítima de sua própria humanidade, de “compaixão” pela viúva, e, principalmente, porque fica implícita a moral dessa voz poética que compactua com o provérbio de que “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”. Dessa vez, de forma engenhosa, a crítica à Igreja fica ironicamente sugerida pelo tom e desfecho da narrativa.

Essa sugestão fica mais clara por outro dos temas recorrentes da revista: o contraste entre a riqueza da Igreja e a miséria dos fiéis. A propósito, é “Contraste” justamente o título do soneto abaixo:

Contraste

*Sob o pallio, arrogante, desdenhoso,
O bispo acompanhando a procissão,
Espraia o olhar soberbo e victorioso,*

Dominando com elle a multidão!

*Que pungente contraste; além do Norte,
O phantasma da fome, a sede, a dor!
Entre as garras crueis da negra morte
Tombam nossos irmãos; sinistro horror!*

*Oh padres, se inda tendes consciencia,
Fazei um gesto nobre de clemencia,
Dai aos tristes um obulo pequeno!*

*Escondei um momento a impiedade,
Abri o coração á caridade,
Como prégava o manso Nazareno.*

C. Santa Maria 18-9-951

(*Reacção*, Anno I, n.13)

Este soneto, contrariamente ao anterior, não é satírico. Ainda que, como muitos dos poemas da revista, no fundo trate da hipocrisia do clero, aqui o faz sob a forma de deprecação. Há um tom real de lamento pela triste situação do povo acometido pelo “phantasma da fome, [pel]a sede, [pel]a dor!” (v.6), enquanto as autoridades eclesiásticas – no caso, o bispo (quiçá Miguel de Lima Valverde novamente) - pairam sobre sua desgraça sem nada fazer, contrariamente ao que pregara Jesus Cristo.

Esses dois últimos poemas são interessantes justamente por mostrarem modulações da sátira. Voltemos então a Frye, que desenha uma sutil diferença quanto ao objeto de ataque do satirista:

Onde o ataque predomina, temos um padrão de *eirón* inconspícuo e reservado contrastado com os *alazons*, ou humores obstrutores, que estão a cargo da sociedade. Essa situação tem como arquétipo uma contraparte irônica do tema romântico da morte do gigante. Para que a sociedade exista, é preciso haver uma delegação de prestígio e influência para grupos organizados, como a igreja, o exército, as categorias profissionais e o governo, que consistem todos de indivíduos que recebem mais do que poder individual das instituições às quais eles pertencem. Se um satirista apresenta, digamos, um clérigo como um tolo ou um hipócrita, ele não está, *qua* satirista, atacando nem um homem, nem uma igreja. O primeiro caso não teria razão de ser nem literária, nem hipotética, enquanto que o segundo leva-o para longe do alcance da sátira. Ele está atacando um homem mau protegido por sua igreja, e tal homem é um monstro gigantesco: monstruoso por não ser o que deveria ser, gigantesco porque protegido por sua posição e pelo prestígio de bons clérigos. O hábito poderia fazer o monge se não fosse pela sátira. (Frye, 2014: 374)

A natureza do engano das pessoas é justamente acreditar que a Igreja de Cristo, e seus pastores, agem à semelhança de Jesus. Não há, como se vê no poema acima (e já se via no manifesto do primeiro número da *Reacção*), um questionamento à existência de Deus ou à verdade da narrativa básica do cristianismo; há, sim, um questionamento

de seu uso por interesses que passam longe da caridade cristã. A monstruosidade da situação é então transformada literariamente por uma linguagem igualmente monstruosa e fantástica: Padre Pagliuca é tão ganancioso que é um zumbi que devora os próprios vermes; Padre Pedro é tão guloso que sua barriga vai até seus pés. Isso tem força invectiva justamente por nem todos os padres serem gananciosos e nem todos serem tão gulosos. No entanto, paradoxalmente, é a própria instituição que preserva o legado de Cristo que permite que o demônio possa agir oculta e impunemente. Nesse sentido, fica mais clara a figura do frade ladrão, sobre a qual afirmamos anteriormente ser tratada com mais simpatia pela voz satírica. Isso porque ele não é um “alazon”, mas se aproxima, outrossim, do “pícaro”, alguém pobre, que tenta sobreviver às custas dos poderosos. Tanto ele, quanto a viuvinha com quem fugiu, são “de carne e osso/ Como eu, como o leitor”, isto é, eles são “iguais a nós”, que não participamos do mundo dos poderosos. Ademais, como um satirista às avessas, o padre fujão fez a Igreja de tola, e nós rimos dela, antes que ficarmos furiosos com ele²².

Por fim, a crítica aos dogmas da Igreja é recorrente, com frequência igualmente atrelada à questão da hipocrisia católica, que é a tópica dominante dos poemas, como se vê. Essa discussão remonta igualmente ao *Syllabus*, como mencionado anteriormente, e ao combate que o catolicismo ultramontano travou em especial contra o protestantismo²³. Como se sabe, o protestantismo é, em geral, contrário à adoração de imagens, tema do poema a seguir:

Labaredas

Não farás imagens de escultura nem de alguma semelhança do que há em cima, nos céus; não te curvarás a ellas, nem as servirás. (Extra. Cap. 20, vers. 4 e 5)

*Tendo Deus tal cousa dito,
Como nos narra Moysés,*

²² Cf. Frye: “[...] a novela picaresca, a história do malandro bem sucedido que, desde Reynard, a Raposa, faz com que a sociedade convencional pareça tola, sem erigir qualquer padrão positivo”.

²³ Sobre o assunto, ver: (1) Vieira, D. G. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora UnB, 1980; (2) Santirocchi, I. D. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização-Ultramontanismo-Reforma. *Temporalidades*, v.2, n. p. 24-33, 2010b; (3) Silva, A. R. C. *As experiências da Modernidade e da Secularização no discurso ultramontano da segunda metade do século XIX*: uma discussão a partir da história dos conceitos. In: VI Congresso da ANPTECRE- “Religião, Migração e Mobilidade Humana”, 2017, Goiânia. Anais do VI Congresso da ANPTECRE. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, v. 1, p. 101-108, 2017; (4) Silva, A. R. C.; Carvalho, Thaís da Rocha. Ultramontanismo e protestantismo no período regencial: uma análise da crítica panfletária dos padres Perereca e Tilbury à missão metodista no Brasil. *Almanack*, n. 15, p. 106-142, 2017; e (5) Vieira, D. R. *O processo de reforma e de reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)*. Aparecida: São Paulo, 2007.

*Como é que se mette os pés
No que a Bíblia traz escripto?!...*

*Pois não nos diga o sábio padre-cura
Que a Virgem lá do altar não é escultura.*

Diabolic

(*Reacção*, Anno I, n.1)

Como se pode perceber, alguns poemas da revista levam o mesmo título, a exemplo desse. “Labaredas” aparece como título de diferentes poemas, nos quais há sempre uma crítica pontual e mais polêmica. Era como se fosse, portanto, o título de uma seção. Vinham assinados por “Diabolic”, o que é significativo, evidentemente, por fazer uma referência irônica ao Diabo, como as “labaredas” do fogo do inferno, para onde os padres supostamente iriam, assim como para o ato de “queimá-los” em vida, a título de um auto-de-fé irônico.

Esse poema também traz uma organização textual muito presente na revista: coloca-se um trecho, que pode ser de uma notícia, e que, nesse caso, é um versículo da Bíblia, e, em seguida, questiona-se algo. Nesse poema, a persona satírica usa de argumentos fortes, retirados da própria Bíblia, para defender a tese de que a adoração de imagens não é adequada, já que o trecho apontado e posto no poema afirma que se curvar diante de esculturas é proibido. Isso demonstra que muitas das regras do catolicismo são totalmente arbitrárias, mas que, por algum motivo, geralmente poder e dinheiro, são defendidas.

Considerações Finais

Ainda que pouquíssimo conhecida pela historiografia literária, a revista *Reacção* revela um conjunto de textos provocantes. A sátira anticlerical encontrada na revista, apesar de calcada em um caso concreto da cidade, está fortemente ligada ao contexto político-religioso de seu tempo. Seus redatores abordavam uma grande variedade de assuntos relativos ao clero, zombando, criticando, satirizando, com o objetivo de fazer a sociedade santa-mariense enxergar o que julgavam ser o obscurantismo e a hipocrisia

da Igreja Católica, conforme se viam na ação de seus sacerdotes, cujo real objetivo parecia não ir além de somente enriquecer às custas do povo.

No tocante aos poemas satíricos, nosso foco neste artigo, a análise nos permitiu averiguar que seu interesse, porém, não é simplesmente histórico, revelando um episódio dos embates entre a Maçonaria e a Igreja Católica entre fins do século XIX e o primeiro quartel do XX de pouca repercussão, na verdade. Mais do que isso, os poemas satíricos da revista são significativos também como exemplares da sobrevivência de uma tradição poética longa. São, portanto, antes de mais nada, bons poemas.

Se, no mundo real, Golias derrotou Davi, como sói geralmente acontecer; na sátira, ao contrário, vemos os gigantes serem perpetuamente castigados, vergastados, verso após verso. Assim, Padre Pagliuca, Padre Pedro, o bispo Miguel de Lima Valverde acabam todos, nas páginas da *Reacção*, em um inferno particular, onde são eternamente motivo de riso.

Trabalhos Citados

Alves, Francisco das Neves. A imprensa rio-grandina do século XIX no acervo da biblioteca rio-grandense (levantamento parcial). *Biblos*, Rio Grande, n.19, p.95-107, 2006.

Aristóteles. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

Biasoli, Vitor. *O Catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870-1920)*. Santa Maria: Editora UFSM, 2010.

Bilhão, Isabel. *Identidade e trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896-1920)*. 2005. 280 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil, 2005.

Ciarallo, Gilson. Autonomização dos Poderes Espiritual e Temporal no Brasil do Século XIX: Extinção do Padroado e Secularização. *Univ. Hum.*, Brasília, v. 7, n. 1-2, p. 1-28, jan./dez. 2010.

Destrée, Pierre. A comédia na *Poética* de Aristóteles. *Organon*, Porto Alegre, n. 49, p. 69-94, jul.-dez., 2010.

Frye, Northrop. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. Trad. Marcus De Martini. São Paulo: É Realizações, 2014.

Grigio, Ênio. “No alvoroço da festa não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse”: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). São Leopoldo: 2016.

Hansen, João Adolfo. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII*. 2. ed. São Paulo: Ateliê; Campinas, SP: Unicamp, 2004.

Moisés, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2004.

Pesavento, Sandra Jatahy. O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. *História da Educação*, Pelotas, p. 31 - 45, 01 set. 2003.

Platão. O Banquete. In: *Platão*. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Victor Civita, 1972. (Col. Os Pensadores)

Santos, Cristian de. *Devotos e devassos: representação dos Padres e Beatas na Literatura Anticlerical Brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

Marcus De Martini, Professor Adjunto do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), é doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com períodos sanduíche na The Catholic University of America (CUA). Tem experiência na área de Literatura Comparada, com ênfase nas relações entre as literaturas Luso-brasileira e Inglesa dos séculos XVI e XVII. Atua principalmente com a obra do escritor inglês John Donne (crítica e tradução) e com a obra de Padre Antônio Vieira. Sua tese de doutorado "As Chaves do Paraíso: Profecia e Alegoria na obra de Padre Antônio Vieira" foi vencedora do Prêmio Científico Casa da América Latina/Santander Totta na área de Ciências Humanas, em Lisboa, Portugal, no ano de 2011, tendo recebido também Menção Honrosa no Prêmio Capes de Teses de 2012. É tradutor da nova edição de *Anatomy of Criticism*, de Northrop Frye (*Anatomia da Crítica*. São Paulo: É Realizações, 2013), bem como da poesia religiosa de Donne (*Poesia Religiosa: antologia*. Florianópolis: EDUFSC, 2017). Atualmente é bolsista do Programa de Pós-doutorado Sênior do CNPq junto ao Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP).

Janaína Kanitz é Mestre em Letras/ Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (PPGL/UFSM).

Artigo recebido em 16/06/2021. Aprovado em 21/06/2021.